

Revisionismo histórico e a deslegitimação da tradição revolucionária e anticolonial

LOSURDO, D. *Guerra e revolução: o mundo um século após outubro de 1917*. Tradução Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017. 398p.

Por Herculis Pereira Tolêdo

Em *Guerra e revolução: o mundo um século após outubro de 1917*, lançado pela editora Boitempo, o filósofo-historiador italiano Domenico Losurdo, um dos mais expressivos intelectuais da atualidade e conhecido do público brasileiro pelas obras *A linguagem do império* (2010), *A hipocondria da antipolítica* (2014), *A luta de classes uma história política e filosófica* (2015), celebra o centenário de um dos acontecimentos mais emblemático do século XX: a Revolução Russa.

Professor de História da Filosofia na Universidade de Urbino (Itália), Losurdo destaca-se pelas notáveis e sempre inovadoras produções que atualizam e aprofundam a tradição intelectual vinculada a Karl Marx.

A obra aqui em questão não foge da tradição marxista losurdiana e faz muito mais que uma longa exposição sobre a Revolução de Outubro de 1917 ou sobre seu significado no âmbito da história contemporânea.

Trabalhando categorias como totalitarismo, genocídio, guerra civil e revolução, Losurdo pensa o século XX e de forma desafiadora não só responde ao revisionismo histórico presente na revolução socialista, mas identifica as afinidades entre as diferentes interpretações revisionistas, fornecendo uma nova perspectiva sobre as revoluções inglesa, americana, francesa e anticoloniais.

Em um desses momentos, Losurdo, por exemplo, recupera as observações de Paul Johnson sobre o destino de Hiroshima e Nagasaki. O autor neoliberal, considerado um dos mais fervorosos revisionistas e defensor da liquidação da

tradição revolucionária, não parece particularmente interessado numa releitura sobre os dois bombardeios realizados pelos Estados Unidos contra o Japão durante os estágios finais da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Losurdo, Johnson tem poucas dúvidas sobre a oportunidade ou a justiça moral do uso da bomba atômica quando afirma que não a utilizar teria sido ilógico ou/ e até mesmo irresponsável.

Num outro momento, Losurdo recupera a polêmica que envolveu a publicação de *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão* (2015) sob a curadoria do historiador francês Stéphane Courtois. Os vários ensaios que compõem esta obra fazem uma meticulosa contabilização dos crimes cometidos em nome do comunismo ao longo do século XX. Segundo Losurdo, a obra é uma espécie de caricatura historiográfica do processo de Nuremberg.

Desde a sua publicação, *O livro negro do comunismo* desencadeou conflitos que levaram Lionel Jospin, então primeiro-ministro, sair em defesa sobre o papel histórico do Partido Comunista Francês.

Segundo Losurdo, o que impressiona na obra é a tentativa de querer atordoar o leitor, convencê-lo de que qualquer outra interpretação sobre os fatos apresentados é supérflua.

O que deve ser destacado é que o ressurgimento anticomunista violento provocado pela publicação da obra e pelo debate inflamado que se seguiu não é a soma de controvérsias desarticuladas, mas algo apoiado num trabalho historiográfico, rapidamente difundido no mundo acadêmico e para o público em geral.

Esses e muitos outros fatos descritos contam com uma análise cuidadosa do autor sobre versões históricas antagônicas. Segundo Losurdo, é insensata a pretensão de uma das partes, aquela que saiu vitoriosa, de se erigir em juiz da outra, a qual é condenada com base em critérios aos quais ela recusa a se submeter.

Se, por um lado, é no século XX que se anuncia o advento da democracia, por outro, é no mesmo século que pela primeira vez aparecem fenômenos da deportação, do campo de concentração e do genocídio.

Não trata-se de um caso isolado. Losurdo adverte: “a fuga para o passado, tendo como ponto de partida o século XX, revela uma lógica eurocêntrica e ‘negacionista’ implícita” (LOSURDO, 2017, p. 358). O que exige uma reflexão crítica sobre a filosofia da história burguesa e ocidental.

Sobre a realidade do genocídio, Losurdo dedica um capítulo que demonstra como a história do século XX é lida como a incansável vitória do princípio liberal sobre os desvios perversos que, não reconhecendo essa superioridade, sacrificam

o indivíduo pela supremacia de uma totalidade (classe, estado, nação ou raça), inevitavelmente no domínio da derrota e do terror.

Independentemente do conteúdo e das agendas, da história concreta e até mesmo das ideologias explícitas, o comunismo e o nazismo se desviam igualmente dos padrões liberais e são, por essa razão, substancialmente idênticos e identificáveis na categoria comum de totalitarismo.

O tom provocativo que Losurdo estabelece e o refinamento que aborda os principais fatos históricos que antecederam e influenciaram a história do século XX exige atenção do leitor. Esta precaução está presente no próprio título escolhido para as edições que foram posteriormente ampliadas e revisadas e que agora chega às mãos dos leitores brasileiros.

Nela o autor traz a conexão guerra e revolução – um dos problemas centrais do século XX, problematizado por Marx e Engels – que não necessariamente corresponde a uma relação mecânica de causa e efeito. Mesmo porque, em termos losurdianos, não é qualquer guerra que abre brechas para o surgimento de situações revolucionárias, sobretudo, aquelas que trazem consequências obscuras para os países derrotados.

Em março de 2017, Losurdo esteve no Brasil para o lançamento do livro e participou do debate sobre o legado e as lições da Revolução Russa. Nesta ocasião lançou também *Esquerda Ausente* (LOSURDO, 2016) publicado pela editora Anita Garibaldi. Ambas as obras trazem em comum de forma direta e indireta a ideia que Marx e Engels expõem em “A ideologia alemã” (2015) quando discutem que as opiniões dominantes são as opiniões da classe que detém o monopólio da produção e, conseqüentemente, também detém o monopólio da produção intelectual.

Embora, isso sendo uma verdade, Losurdo observa que a burguesia atual, na Europa e no Ocidente, além do monopólio da produção e do monopólio intelectual, detém também o monopólio da produção de emoções e sentimentos. É o que o autor chama de “Terrorismo da Indignação” (LOSURDO, 2016) que toma forma quando, por exemplo, a mídia publica uma fotografia de alguém ensanguentado. Esta fotografia isolada do seu contexto, real ou produzida, é capaz de provocar indignações que alimentam e justificam uma resposta.

Conforme Losurdo, esta tem sido a principal forma de se argumentar a favor de guerras humanitárias. Essa estratégia serviu e ainda serve ao interesse imperialista e neocolonialista. Uma tática utilizada por Otto Von Bismarck no século XIX perpetuada nos dias de hoje e facilmente identificada nos discursos de Donald Trump.

Quando esteve no Brasil, Losurdo defendeu que para celebrar os 100 anos da Revolução Russa é necessário restituir a luta internacional contra o neoimperialismo, classificada pelo autor como uma das facetas da luta de classes, já que subjuga povos e nações.

Sendo assim, levantar a bandeira da Revolução Russa significa para o autor, entre outras coisas, combater as guerras neocolonialistas que foram desencadeadas, sobretudo pelos Estados Unidos.

Para ele, a Revolução de Outubro de 1917 que inaugurou uma nova etapa da história universal e iniciou também à revolução anticolonialista, hoje encontra-se ameaçada. Losurdo defende que a vitória do Ocidente na Guerra Fria abriu a porta para uma nova onda do colonialismo. Tanto que a maioria das guerras travadas pelos Estados Unidos após a derrocada da União Soviética foi contra países que se insurgiram contra projetos imperialistas, como no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003).

Originalmente publicado em 1996, com o título de *Il revisionismo storico: problemi e miti*, a edição brasileira é resultado da edição inglesa de 2015 que a partir de um denso e original balanço oferece ao leitor brasileiro uma crítica historiográfica revisionista que traz uma nova perspectiva sobre o período histórico que vai da revolução burguesa na Inglaterra, o país pioneiro do capitalismo, até o século XX.

Guerra e Revolução ocupa no mercado editorial uma das mais importantes contribuições à crítica da historiografia revisionista das revoluções. Uma perspectiva um tanto recorrente entre os historiadores contemporâneos, na visão do autor.

Losurdo identifica e destaca o revisionismo histórico como o estudo de reinterpretação que aniquila a tradição revolucionária e recupera a tradição colonial que não só deslegitimou as revoluções anticoloniais como transformam os Estados Unidos em herdeiros legítimos do Império Britânico, arautos da democracia e guardiões de uma nova ordem mundial.

O autor demonstra como as reais motivações dos revisionistas pouco têm a ver com o esforço para um melhor entendimento do passado; em vez disso, baseiam-se nas circunstâncias do presente e nas necessidades ideológicas das classes políticas.

Sendo assim, *Guerra e Revolução*, trata-se de um registro de fôlego sobre a construção dos lugares comuns da ideologia dominante. A partir da perspectiva da memória histórica e, portanto, um dos terrenos fundamentais nos quais se desenvolve a luta ideológica de classe.

O revisionismo histórico e a liquidação da tradição revolucionária são fios condutores que orientam o autor no labirinto das releituras, revisitações e reinterpretções da historiografia revisionista que perpassam por Ernst Nolte, Ludwig von Mises, Friedrich von Hayek, François Furet e Richard Pipes – os dois últimos conhecidos por nós brasileiros por suas obras sobre as revoluções francesa e russa. Cabe destacar que na realidade, a crítica ao revisionismo de Furet sobre a Revolução Francesa já havia sido feito por Eric Hobsbawm (1996).

Losurdo localiza o espaço que a historiografia revisionista ocupa no debate acadêmico contemporâneo e demonstra com nitidez a convergência entre o revisionismo histórico e o neoliberalismo. Segundo ele, trata-se de duas faces diferentes – uma mais diretamente política, outra mais propriamente historiográfica – mas de um mesmo movimento que sugeriu a deslegitimação do ciclo revolucionário de 1789 a 1917. Em particular, as Revoluções Francesa e Russa, acusadas por serem intrinsecamente violentas e totalitárias. Uma manipulação tendenciosa na medida em que isso acaba por demonizar as revoluções anticoloniais que muitas vezes são inspiradas nessas duas tradições revolucionárias.

Nesse ponto de vista, o intelectual que desconsidera a crítica diante da ideologia liberal-conservadora perde a autonomia de analisar o seu próprio passado e, sobretudo, abandona a possibilidade de construir elos que o levarão para um futuro de maior igualdade social.

Por essa razão, o livro de Losurdo – fruto de um entrelaçamento contínuo de investigações históricas e reflexões filosóficas – não só constitui uma crítica ao revisionismo histórico, tampouco quer ser apenas um convite para entender melhor o século passado. Nele o leitor encontrará ferramentas preciosas para criticar a ideologia de guerra que reintegra o século XXI.

Referência

COURTOIS, S. et al. *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

FURET, F. *Penser la Révolution française*. França: Editions Gallimard, 2013.

HOBSBAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOSURDO, D. *A esquerda ausente*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2016.

_____. *A luta de classes: uma história política e filosófica*. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. *A hipocondria da antipolítica: história e atualidade na análise de Hegel*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

_____. *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2015.

PIPES, R. *História concisa da revolução russa*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Nota

- 1 Mestre e doutorando em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Possui especialização em História das Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Relações Internacionais pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas de Trabalho, Políticas Públicas e Serviço Social (TRAPPUS) da PUC-Rio e ao Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM). Membro da International Gramsci Society Brasil (IGS-Brasil). E-mail: herculisp@hotmail.com

Artigo recebido em julho de 2017 e aceito para publicação em agosto de 2017.